

## **Representações Sociais de homens gays com deficiência visual para um grupo de homens gays do Mato Grosso do Sul**

*Social Representations of gay men with visual impairments for a group of gay men from Mato Grosso do Sul*

Geíza Ferreira dos Santos<sup>1</sup>, Alberto Mesaque Martins<sup>1</sup>

**RESUMO:** Na perspectiva da Teoria das Representações Sociais, esse estudo analisou as Representações Sociais de um grupo de homens gays sobre homens gays com deficiência visual. Participaram do estudo, 86 homens gays, cis ou transgêneros, do estado do Mato Grosso do Sul, os quais responderam a um formulário virtual e foram submetidos à Técnica de Associação Livre de Palavras. Os dados foram analisados por meio de análise prototípica e de similitude com auxílio do software Iramuteq. Os resultados do presente estudo indicam que os homens gays com deficiência são representados por outros homens gays como pessoas que possuem dificuldades, que são vulneráveis e limitadas, atravessadas pelo preconceito. Apesar de reconhecerem que o público com deficiência visual deve ser respeitado e incluído, os homens gays pesquisados também percebem esse público por meio de uma lente pautada em representações que podem ser consideradas preconceituosas e capacitistas, subestimando o potencial dos homens gays com deficiência visual, direcionando este público para uma categoria inferiorizada, especialmente no que se refere a sua sexualidade e homoafetividade.

**Palavras-chave:** Deficiente Visual; Masculinidade; Representação Social; Psicologia Social.

**ABSTRACT:** From the perspective of the Theory of Social Representations, this study analyzes the Social Representations of a group of gay men about gay men with visual impairments. The study included 86 gay men, cis or transgender, from the state of Mato Grosso do Sul, who responded to a virtual form and underwent the Free Word Association Technique. The data were analyzed using prototype and similarity analysis with the aid of the Iramuteq software. The results of the present study indicate that gay men with disabilities are represented by other gay men as people who have difficulties, who are vulnerable and limited, crossed by prejudice. Despite recognizing that the visually impaired public must be respected and included, the gay men surveyed also perceive this public through a lens based on representations that can be considered prejudiced and ableist, underestimating the potential of

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

gay men with visual impairments, directing this public to an inferior category, especially with regard to their sexuality and homosexuality.

**Keywords:** Visually Disabled, Masculinity; Social Representation; Social Psychology.

### Introdução

Conforme dados da Organização Mundial da Saúde [OMS] (2022), em todo o mundo, 2,2 bilhões de pessoas apresentam algum grau de deficiência visual ou cegueira. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] (2019), no Brasil, mais de 6,5 milhões de pessoas têm alguma deficiência na visão. Deste total, 528.624 são cegos, sem nenhuma acuidade visual, e 6.056.654 pessoas têm grande dificuldade de enxergar, caracterizando baixa visão/visão subnormal (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2020). A Pesquisa Nacional de Saúde, também realizada pelo IBGE, em 2019, indicou que 3,4% dos brasileiros declaram ter muita dificuldade ou não conseguem enxergar, de modo algum, correspondendo a quase sete milhões de pessoas que declaram possuir algum comprometimento na acuidade visual (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2020).

Apesar das conquistas e do empenho da sociedade em promover a inclusão social, as pessoas com deficiências ainda encontram algumas barreiras referente ao exercício pleno de sua cidadania (França, 2013; Gaudenzi & Ortega, 2016). As deficiências ainda são vistas como obstáculos ao desenvolvimento, de modo que, as pessoas com deficiência visual ainda se defrontam com estereótipos e preconceitos que limitam sua inserção na sociedade e restringem o exercício da sua sexualidade (Carvalho & Silva, 2018; França, 2013; Sousa & Moleiro, 2015).

Em sociedades patriarcais, como as latino-americanas, as diferentes formas de se viver a sexualidade são marcadas por tensões e disputas, sobretudo ao consideramos os discursos capacitistas e cisheteronormativos que colocam as pessoas com deficiências e LGBTQIAPN+'s em situação de maior vulnerabilidade e invisibilidade social, sobretudo

quando ambas categorias se interseccionam (Farias, 2020; Gesser, 2022; Mello & Nuernberg, 2012). Apesar da luta de movimentos sociais em prol da inclusão, preconceitos e estereótipos acerca das pessoas com deficiência visual ainda são recorrentes, sendo necessária a investigação e compreensão acerca dos sistemas de representações sociais que perpassam o fenômeno (Navega & Bortolozzi, 2020; Paulino et al., 2018).

Para Moscovici (2003), as Representações Sociais (RS), são conhecimentos elaborados e compartilhados, coletivamente, com objetivo prático, por meio dos quais se constrói uma realidade social por determinado grupo. Ainda segundo o autor, as RS são construídas socialmente e circulam no imaginário coletivo, refletindo nas relações individuais com algum objeto que é socializado por estes, possuindo a finalidade de indicar uma determinada conceituação do real (Moscovici, 2003). Nessa perspectiva, as RS originam modelos de conduta e de comunicação, sendo a via por onde nos apropriamos das interações em um espaço de tempo, fazendo com que o que então era estranho, se tornasse familiar (Jodelet, 2001).

Para Trindade, Santos e Almeida (2014) os processos básicos para a formação de uma RS são dois: a objetivação e a ancoragem. A objetivação tem a finalidade de substituir um sentimento por uma imagem, ou seja, transformar concreto o imagético, trazendo o que não era real para o conhecido. Trindade, Santos e Almeida, (2014) afirmam que se trata de uma ação que dá forma aos conceitos, reinterpretando os significados excedentes, sendo uma ação essencial no trânsito da comunicação. Em outras palavras, trata-se de uma materialização do campo ideativo, transformando conceitos em imagens e significações concretas. Assim, todo conceito objetivado adquire materialidade, tornando-os naturais para a realidade, e auxiliando a cognição bem como a significação se aproximando do real, tornando-se familiar (Trindade, Santos & Almeida, 2014; Moscovici, 2003).

A ancoragem, por sua vez, possui como característica introduzir ou assimilar a um objeto em uma categoria familiar ao sujeito, estando na memória, sendo facilmente acessado, associando o objeto a uma espécie de banco de dados, classificando-os conforme o nível de assimilação (Trindade, Santos & Almeida, 2014). Desse modo, um objeto é ancorado quando apoia-se em categorias já existentes para o indivíduo conforme algumas adequações, esta ação, demanda de juízos de valores ao transformar o desconhecido em algo tangível pelo indivíduo, com base nas suas experiências grupais e institucionais (Trindade, Santos & Almeida, 2014).

Estudos orientados pela Teoria das Representações Sociais, vem apontando que, ainda hoje, as pessoas com deficiência são representadas como assexuadas, refletindo preconceitos e crenças equivocadas acerca da sexualidade desses sujeitos (Carvalho & Silva, 2021; Gesser & Nuernberg, 2014). Os estereótipos acerca da sexualidade das pessoas com deficiência visual também contribuem para infantilizações desse grupo, os quais passam a ser vistos como assexuados ou imaturos ou, ainda, como pessoas sem malícias (França, 2013; Sousa & Moleiro, 2015). Em outros estudos é possível constatar representações que atribuem a este público comportamentos extremamente sexualizados, sem pudores, denominando-os de forma pejorativa e generalizando estas condutas (Carvalho & Silva, 2018; Carvalho & Silva, 2021).

Outros estudos vêm destacando a importância de se abordar a temática da sexualidade de pessoas com deficiência visual e enfatizam a necessidade reconhecermos esses sujeitos, em sua pluralidade e diversidade (Carvalho & Silva, 2021; Gesser & Nuernberg, 2014). Nesse sentido, faz-se necessário romper com os olhares cis e heteronormativos, reconhecendo a multiplicidade de possibilidades de as pessoas com deficiências vivenciarem seus gêneros e suas identidades, exigindo, assim um olhar interseccional (Mello & Nuernberg, 2012). Assim, é preciso resistir às tentativas de redução desses sujeitos às deficiências, reconhecendo e

dando visibilidade a outros marcadores, como classe social, raça e etnia, assim como às questões de gênero e de diversidade sexual (Mello & Nuernberg, 2012; Theodoro, 2022).

Apesar de se constituir como um grupo que, historicamente vivenciou diversas violências e exclusões, estudos vem apontando que homens gays cisgêneros também encontram-se atravessados por fenômenos sociais, como o capacitismo, a misoginia e a reprodução do modelo de masculinidade hegemônica (Lopes, 2017; Moura et al., 2020). Os homens gays que, em geral, aparecem nas mídias possuem um padrão, geralmente brancos, musculosos, cabelos lisos e sedosos, muitas vezes loiros e de olhos claros, corpos sem deficiência e viril, perfil que reflete o modelo hegemônico de masculinidade e que se afastam de certa forma do feminino, padrão reconhecido nos movimentos gays como “barbie”, devido às semelhanças com o boneco “Ken” (Ribeiro, 2022).

Esse cenário contribui para o apagamento dos homens gays com deficiências na própria comunidade LGBTQIAPN+, os quais também podem sofrer preconceitos por outros homens, integrantes desse mesmo grupo (Sousa & Moleiro, 2015). Em outras palavras, é possível que as pessoas com deficiência visual, integrantes da comunidade LGBTQIAP+, encontrem-se em uma condição mais vulnerável, sendo também excluídas dos processos de homosociabilidade pelo fato de apresentarem alguma deficiência (Gesser & Nuernberg, 2014; Sousa & Moleiro, 2015).

Esse processo se torna ainda mais intenso ao considerarmos que as imagens e os padrões estéticos ocupam centralidade nos processos de sociabilidade de homens homossexuais (Ferrari & Nascimento, 2019). Apesar de sofrerem com a homofobia, estudos vem chamando a atenção para a existência de processos de exclusão e violências entre os homens gays, como por exemplo, no que se refere ao etarismo, à gordofobia e ao silenciamento das pessoas com deficiências (Ferrari & Nascimento, 2019; Silva et al., 2020).

Por outro lado, cada vez mais, as pessoas com deficiências vêm ocupando espaços que, outrora lhes eram negados, incluindo contextos de homossociabilidade, como os espaços de lazer, os aplicativos de relacionamento, dentro, abrindo espaço para reflexões sobre os processos de interação entre ambos os grupos (Sousa et al., 2020). Contudo, ainda são incipientes os estudos que investiguem, no Brasil, as interações estabelecidas entre os grupos de homens gays sem deficiência com outros sujeitos que vivem com deficiências (Theodoro, 2022).

Assim, esse estudo se propõe analisar as Representações Sociais de um grupo de homens gays sobre homens gays com deficiência visual.

### **Métodos**

Trata-se de um estudo descritivo exploratório e qualitativo. Em meio a várias vertentes e métodos para pesquisa em RS, adotamos neste trabalho a Abordagem estrutural que, na perspectiva de Abric (2001), considera que as RS são partilhadas entre os sujeitos pertencentes a um determinado grupo, partindo dos fatores comuns, ou seja, das crenças, costumes e valores. Constituintes do núcleo central, esses fatores alinhados e comuns aos membros do grupo, são os estruturantes da representação.

A abordagem estrutural tem como principais conceitos o núcleo central e o sistema periférico onde, no entorno de um núcleo central, se organiza a representação (Moliner & Abric, 2015). O núcleo é o elemento que fundamenta o sistema de RS, gerando a significação que baliza a representação e determina a organização de todos os elementos. O sistema periférico é flexível, defende e mantém a estrutura da representação social, para que não haja modificações no seu núcleo, sendo adaptável ao contexto da realidade e nos distintos conteúdos representacionais (Moliner & Abric, 2015).

Participaram do estudo, 86 homens, cis e transgêneros, de diferentes orientações sexuais, com e sem deficiências, os quais atenderam aos seguintes critérios de: se identificar

como homem gay, sendo cis ou transgênero; ser maior de 18 anos de idade; residir no estado do Mato Grosso do Sul. Na mesma direção, foram excluídas pessoas que não se reconhecem como homens, menores de 18 anos e homens gays que residem em outros estados brasileiros.

Os participantes responderam um formulário virtual, contendo 15 questões fechadas, divididas em duas seções (perfil sociodemográfica e práticas de homossociabilidade), seguidas da Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP), por meio da qual os participantes registravam as cinco primeiras palavras que lhes vinham à mente ao pensar no termo indutor: “homem gay com deficiência visual”. Após registrar as evocações, os participantes podiam reorganizá-las, por ordem de importância, atribuindo um número de 1 a 5.

Após esta etapa, os participantes foram direcionados para um exercício similar ao anterior, utilizando o mesmo termo indutor, mas sendo instruído a responder considerando o que outros homens gays responderiam. Essa estratégia foi utilizada almejando identificar a Zona Muda das RS que, segundo Abric (2001) é formada por RS que estão mais escondidas por explicitar conteúdos contra normativos vigentes socialmente, sendo invisibilizadas de forma intencional, não sendo de caráter inconsciente, existindo somente por razões sociais, ou seja, por causa de normatizações e regras sociais. Neste caso, o sujeito almeja ser aceito e tem a intenção de repassar “boas impressões” ao restante do grupo, a este fenômeno dá-se o nome de gestão de impressões (Abric, 2005).

Abric (2005) considerou de fundamental importância evidenciar os elementos pertencentes a esta zona muda, haja vista que a meta da pesquisa em RS é trazer à tona o não dito, que é o cerne de uma representação. Para tanto, já que este fenômeno da zona muda ocorria por pressão social, Abric (2005) considerou necessário tentar diminuir esta pressão dos indivíduos entrevistados criando a técnica de substituição. Segundo o autor, esta técnica dá a impressão de que não é o indivíduo que está respondendo, e sim um outro. Relata ainda

que há a necessidade de que o outro ao qual o pesquisado irá responder, não seja muito distante do sujeito respondente e nem das RS do grupo pesquisado, havendo, nessa situação uma intervenção nas RS sobre o outro. (Abric, 2005).

O formulário de pesquisa foi divulgado em eventos voltados para o público LGBTQIAP+, redes sociais e por meio de aplicativos de mensagens contendo uma breve descrição da pesquisa. Compuseram o grupo investigado, todos aqueles que aceitaram o convite de participação e que atendessem aos critérios de inclusão. As respostas foram enviadas durante os meses de abril a setembro de 2022. Em seguida, os dados foram organizados com auxílio do software Excell. As respostas das duas primeiras seções foram analisadas mediante estatística descritivas e as evocações foram organizadas e, posteriormente lematizadas através de uma padronização lexical onde se promove um agrupamento dos termos conforme a classe gramatical (Wachelke & Wolter, 2011).

Os dados obtidos foram inseridos no software *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRAMUTEQ), o qual possibilita análises de grandes volumes de texto (Camargo & Justo, 2018). Após a realização do tratamento semântico, as evocações iniciais foram submetidas a análises prototípicas. Essa abordagem é uma das principais estratégias para investigar a estrutura das Representações Sociais (RS), levando em consideração tanto a frequência quanto a ordem média de evocação das palavras (Wachelke et al., 2016). Assim, os termos evocados com maior frequência, ou seja, os potenciais núcleos centrais, irão surgir no primeiro quadro, posicionado à esquerda de quem está realizando a leitura.

Na primeira periferia, que está localizada no quadrante superior direito de quem está lendo, aparecerão os termos com alta frequência e alta ordem média de evocação, que por ultrapassarem a média sugerida para a pesquisa, não foram eletivas como núcleo central, porém, os termos contidos neste quadrante, devem ser considerados e analisados pois, há uma

probabilidade muito grande de que se tornem núcleo central a depender do contexto em que a pesquisa é realizada (Wachelke & Wolter, 2011).

No quadrante inferior esquerdo, também conhecido como segunda periferia, estão os termos que possuem baixa frequência e baixa ordem média de evocação e, portanto, são menos consideradas para as análises. Já na terceira periferia, localizada no quadrante inferior direito, emergem os termos que podem dar sustentação ao núcleo central, as palavras aparecem neste quadrante e, em geral, podem contrastar com o núcleo central do primeiro quadrante (Wachelke & Wolter, 2011).

Por fim, realizou-se uma análise de similitude, visando a confirmação dos dados obtidos pelas tabelas prototípicas e entender melhor a formação e relação entre os termos que emergiram como centralidade nas evocações (Salviati, 2017). Na análise de similitude, é verificada as co-ocorrências entre os termos, facilitando a compreensão de como se dá a estrutura de uma representação. É apresentado um grafo, ou “árvore máxima”, que mostra as inter-relações entre os termos emergidos, promovendo maior facilidade no reconhecimento dos termos relevantes para a pesquisa (Salviati, 2017).

Todos os participantes foram informados dos objetivos da investigação e o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), recebendo autorização por meio do parecer número 5.305.880.

### **Resultados e Discussão**

Conforme pode ser observado na Tabela I, de modo geral, os homens gays participantes dessa pesquisa, se autodeclararam do gênero masculino, homossexuais e cisgêneros. A maioria dos participantes se autodeclararam brancos, solteiros, sendo boa parcela de pessoas com ensino superior em andamento ou incompleto, revelando que a amostra foi constituída por um grande número de respondentes universitários. Uma parcela

expressiva dos participantes reside na capital sul-mato-grossense, tendo uma dupla jornada de trabalho e de estudos. Quanto à religiosidade, a maior se declarou como agnósticos ou ateus, com remuneração média mensal de 1 a 2 salários-mínimos.

**Tabela 1**

*Características socioeconômicas e demográficas dos homens gays pesquisados (n=86)*

<b>Variável</b>	<b>n (%)</b>
<b>Gênero</b>	
Gay- Queer	1
Masculino	78
Não Binário	7
<b>Orientação afetivo-sexual</b>	
Bissexual	9
Homossexual	73
Pansexual	4
<b>Identidade de gênero</b>	
Cisgênero	80
Transgênero	6
<b>Raça/cor</b>	
Amarela	7
Branca	42
Indígena	1
Parda	21
Preta	15
<b>Estado Civil</b>	
Amasiado	1
Casado	9
Namorando	3
Relacionamento aberto	1
Relacionamento estável	1
Solteiro	70
Vivo junto	1
<b>Escolaridade</b>	
Ensino Médio Completo	4
Ensino Superior completo	19
Ensino Superior em andamento ou incompleto	39
Pós-Graduação	24
<b>Cidade onde reside</b>	

Capital	66
Interior do estado	20
<b>Ocupação</b>	
Apenas estudo	16
Apenas trabalho	26
Sem ocupação ou desempregado	1
Trabalho e estudo	43
<b>Renda mensal</b>	
De 1 a 2 Salários-mínimos	34
de 2 a 4 salários-mínimos	26
De 4 Salários-mínimos acima	25
Sem renda	1
<b>Religião</b>	
Agnóstico	18
Ateu	18
Budista	1
Católico	17
Espírita	3
Evangélico	7
Outra	15
Umbandista	7

---

Fonte. Os autores.

Na Tabela 2 temos a análise prototípica das palavras evocadas a partir do termo indutor “Homem Gay com Deficiência Visual”, surgindo como evidência e componentes do núcleo central das RS os cognemas: preconceito, respeito, liberdade, superação, limitação, sexo e inclusão. Como já explicitado, o núcleo central tem como principal função colocar em ordem e dar estabilidade às RS, sendo uma série de dados, de valores e credices acerca de um objeto (Abric, 2001; Moliner & Abric, 2015). A palavra “preconceito”, a mais evocada entre os participantes, pode evidenciar que, no imaginário do público da pesquisa, os homens gays com deficiência visual estão sendo percebidos de forma inferiorizada e excludente.

Na mesma direção, o cognema “limitação” aponta para uma representação dos homens gays com deficiência visual como sujeitos incompletos, estando ancoradas nos estereótipos atribuídos a essas pessoas que, ainda hoje, são percebidas como vivendo uma vida limitada,

estando impossibilitados de exercerem diferentes atividades básicas, do cotidiano, inclusive sua sexualidade (Melo & Nuremberg, 2012; Sousa & Moleiro, 2015). No núcleo central, também é possível identificar o cognema “superação” que parece refletir a ideia de que as pessoas com deficiência, ao se engajarem em atividades do cotidiano, estão indo além de si mesmas, deixando de ser um fato natural, mas uma superação dos seus próprios limites (Paulino et al., 2018).

**Tabela 2**

*Frequência e ordem média da evocação (OME) para o termo indutor “Homem Gay com Deficiência Visual” para homens gays (n =86)*

		<i>OME &lt; 2,96</i>			<i>OME &gt; 2,96</i>			
		<i>Evocações</i>	<i>f</i>	<i>OME</i>	<i>Evocações</i>	<i>f</i>	<i>OME</i>	
<b>FREQUÊNCIA</b>	<b>≥ 4</b>	Preconceito	30	2,8	Dificuldade	27	3,1	
		Respeito	8	1,9	Diferente	14	3,4	
		Liberdade	6	1,8	Exclusão	9	3,2	
		Superação	5	2,8	Solidão	7	3,1	
		Limitação	5	2,8	Coragem	7	3	
		Sexo	4	2,5	Rejeição	6	3,3	
		Inclusão	4	2	Cego	6	3,7	
					Desafio	4	3,2	
					Diversidade	4	4,3	
	<b>&lt; 4</b>	Minoria	3	2,7	Empatia	3	3,7	
		Acessibilidade	3	2	Medo	3	3,7	
		Relacionamento	3	2,3	Amizade	3	3	
		Diferença	3	2,7	Força	3	3,3	
		Adaptação	3	1,7	Vontade	3	3,3	
		Família	3	2,7	Bengala	3	3	
		Condição	3	2,7	Luta	3	3,3	
		Invisibilidade	3	2	Sensibilidade	2	4	
		Desejo	3	2,7	Ombridade	2	4	
		Toque	2	1,5	Deficiência	2	3,5	
		Empoderamento	2	1	Corajoso	2	4	
		Ignorância	2	2,5	Obstáculo	2	3	
		Tristeza	2	1,5	Conexão	2	3	
		Normal	2	2,5	Difícil	2	3,5	
		Igualdade	2	2	Inacessibilidade	2	4	
		Sexualidade	2	2,5	Acesso	2	3	
		Realização	2	1	Batalha	2	4	
		Desconhecido	2	2	Aceitação	2	3,5	
		Política	2	1,5	Raridade	2	4	
		Depressão	2	2	Incomum	2	5	

Expressão	2	2,5	Tabu	2	3,5
			Satisfação	2	3,5
			Capacidade	2	2,5
			Comunicativo	2	2,5
			Problema	2	3,5
			Naturalidade	2	3
			Dependência	2	5
			Afeto	2	4

*Nota.* número total de palavras =406; número de palavras diferentes = 211 Hapax= 146

Fonte. Os autores.

No núcleo central também podem ser encontrados cognemas que apontam para o reconhecimento das pessoas com deficiências, enquanto cidadãos. Nesse sentido, destacam-se os cognemas “respeito”, “liberdade” e “inclusão” que parecem indicar a efetividade das estratégias de educação e sensibilização de diferentes grupos que passam a fortalecer a agenda de discussões da inclusão social (França, 2013; Gaudenzi & Ortega, 2016). Esse envolvimento vem sendo destacado como um elemento fundamental na garantia de uma sociedade inclusiva e que respeite a diversidade, em suas múltiplas faces (Gesser & Nuernberg, 2014).

Na primeira periferia, surgiram cognemas como: dificuldade, diferente, exclusão, solidão, coragem, rejeição, cego, desafio e diversidade que, apesar de não estarem presentes como núcleo central, também podem ser entendidas como possíveis centralidades devido ao alto índice de evocações, havendo grande possibilidade de ser parte da estrutura que sustentam o núcleo central das RS analisadas (Wachelke & Wolter, 2011). Dada a sua construção social, a deficiência visual pode levar os sujeitos a experimentarem ao longo da vida, muita discriminação e preconceito, podendo inclusive sofrer deturpações acerca da sua identidade social uma vez que estes, são identificados apenas pela deficiência (Melo & Nuernberg, 2012; Theodoro, 2022).

As palavras solidão, coragem, rejeição, cego, desafio e diversidade surgem logo em seguida e evidenciam um aspecto do cotidiano de pessoas com deficiência visual e de pessoas

LGBTQIA+ que, não raramente, vivenciam situações de violências que as excluem de diferentes espaços sociais, sendo necessária coragem para enfrentamentos e resistências (Ribeiro, 2022; Theodoro, 2022). Vale lembrar que, historicamente, assim com a comunidade LGBTQIAPN+, as pessoas com deficiência visual estiveram permeadas pelo preconceito e exclusão social, os quais se tornam ainda mais devastadores quando esses marcadores se sobrepõem e se juntam a outras questões, como as étnicas, raciais e de classe social (Melo & Nuernberg, 2012; Sousa & Moleiro, 2015).

Na segunda periferia, surgiram os cognemas: minoria, acessibilidade, relacionamento, diferença, adaptação, família, condição, invisibilidade, desejo, toque, empoderamento, ignorância, tristeza, normal, igualdade, sexualidade, realização, desconhecido, política, depressão e expressão. Apesar dessas palavras se relacionarem com os termos presentes no núcleo central desta tabela, por terem baixa frequências e baixa ordem média de evocações, não serão consideradas para a análise (Wachelke & Wolter, 2011).

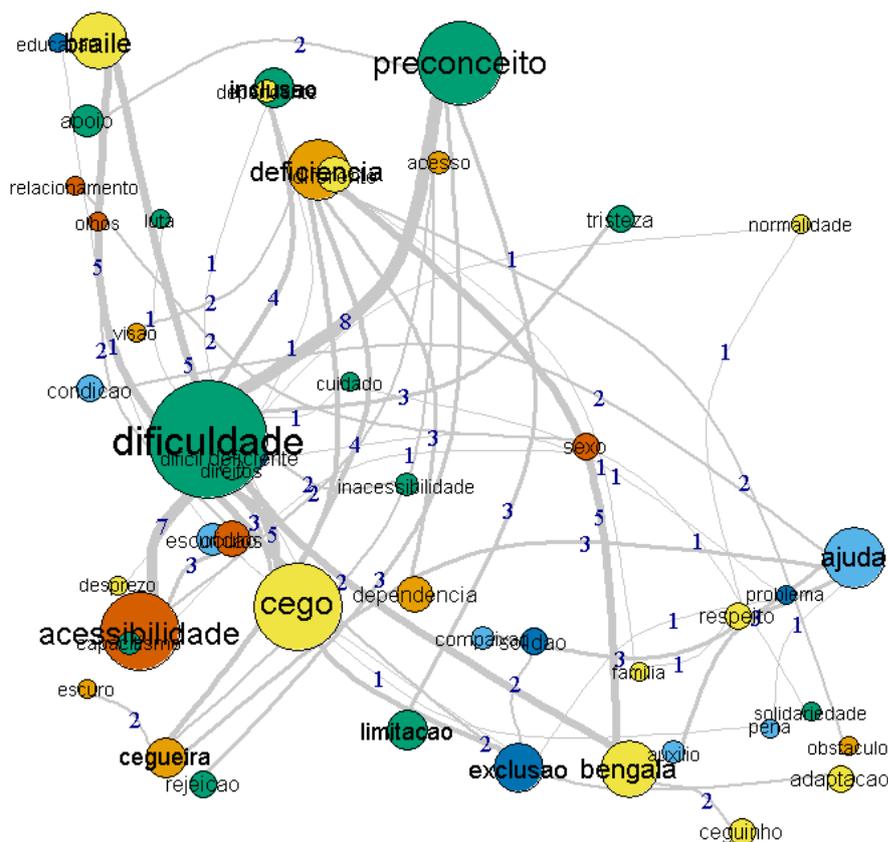
Na última zona, emergiram os cognemas: empatia, medo, amizade, força, vontade, bengala, luta, sensibilidade, ombridade, deficiência, corajoso, obstáculo, conexão, difícil, inacessibilidade, acesso, batalha, aceitação, raridade, incomum, tabu, satisfação, capacidade, comunicativo, problema, naturalidade, dependência e afeto. Também conhecida como zona de contraste, esta zona também pode dar sustentação ao núcleo central. As evocações, presentes nesse quadrante, se articulam com os cognemas do primeiro, de modo que a palavra “empatia” contrasta com o termo “preconceito”. Ainda nessa região também surgem termos como: “Amizade”, “Luta”, “Corajoso”, “Obstáculo”, “Difícil”, “Inacessibilidade”, “Batalha”, “Aceitação”, “Raridade”, “Incomum” e “Tabu” que contrastam com o cotidiano tanto de pessoas com deficiência visual, quanto de pessoas LGBTQIA+ (Ribeiro, 2022).

Na Figura 1 temos a representação, em forma de árvore máxima, construída a partir da análise de similitude das evocações dos participantes que, segundo Salviati (2017) é

fundamental para a entender as aglomerações e atrelamentos apresentados pelos elementos explicitados na árvore máxima. Assim, a imagem pode confirmar os prováveis núcleos centrais com a disposição dos elementos da representação.

**Figura 1**

*Árvore máxima para o termo indutor “deficiência visual” zona muda*



Fonte. Os autores.

Nota-se que o termo "preconceito" surge com maior protuberância, estando conectado com maior ênfase nos termos “dificuldade”, "diferente", " exclusão" e “respeito”. Ao redor da palavra “preconceito”, que também consta no núcleo central na Tabela 2, encontram-se os cognemas: Respeito, Liberdade, Superação, Limitação, Sexo e Inclusão, os quais parece indicar evocações que podem ser usadas pelos participantes como estratégias para enfrentamento dos processos de discriminação.

No que se refere às políticas de inclusão, torna-se relevante que os participantes reconheçam o preconceito que os homens gays com deficiência sofrem, sobretudo em um país onde a homofobia é, recorrentemente, negada e silenciada (Ribeiro, 2022). Além disso, é animador imaginar que os participantes também reconheçam que uma sociedade inclusiva só pode ser construída por meio do respeito, da liberdade e da inclusão, garantindo o direito desses sujeitos exercerem suas sexualidades (Carvalho & Silva, 2018).

Na Tabela 3 são apresentadas as palavras que emergiram para o termo indutor “Homem Gay com Deficiência Visual” em situação de substituição, indicando, portanto, uma possível Zona Muda de Representações Sociais. Como núcleo central emergiram os termos: Preconceito, Dificuldade, Cego, Acessibilidade, Fetiche, Curiosidade, Rejeição, Estranho e Dependência.

**Tabela 3**

*Frequência e ordem média da evocação (OME) para o termo indutor “Homem Gay com Deficiência Visual” para homens gays (n =86), Zona Muda*

FREQÜÊNCIA	OME < 2,85			OME > 2,85		
	Evocações	f	OME	Evocações	f	OME
≥ 3,97	Preconceito	26	1,8	Diferente	14	2,9
	Dificuldade	16	2,4	Exclusão	10	2,9
	Cego	7	2,1	Inclusão	7	3,9
	Acessibilidade	6	2,7	Condição	7	3,7
	Fetiche	6	2,3	Solidão	6	3
	Curiosidade	5	2,8	Respeito	5	3,8
	Rejeição	4	1,8	Sexo	5	3,8
	Estranho	4	2	Deficiente	5	3,4
	Dependência	4	2,2	Diferença	4	3
				Diversidade	4	4,2
< 3,97	LGBT	3	3	Deficiência	3	3
	Novo	3	2	Resistência	3	4,3
	Obstáculo	3	2	Sexualidade	3	3,7
	Sofrimento	2	2,5	Invisibilidade	3	4,3
	Sociedade	2	2,5	Desafio	3	3,7
	Comunidade	2	1,5	Coragem	3	3,7
	Preconceito	2	1	Toque	2	4
	Padrão	2	2	Diversos	2	4,5
	Contemporâneo	2	2	Realização	2	4
	Bizarro	2	1,5	Corajoso	2	5

Pena	2	2,5	Vítima	2	3
Discriminação	2	1,5	Apoio	2	3,5
Isolamento	2	2	Amizade	2	4
Independência	2	1,5	Beleza	2	4,5
Não_consigo_pensar_em_nada	2	1	Cegueira	2	3
			Bicha	2	4
			Ajuda	2	4
			Gay	2	4,5
			Empatia	2	4
			Sem_vergonha	2	4
			Capacitismo	2	3
			Tabu	2	4,5
			Depressão	2	4
			Limitação	2	4

*Nota.* número total de palavras =406; número de palavras diferentes = 211 Hapax= 146

Fonte. Os autores.

Segundo Sá (2019) a zona muda é formada por RS que podem não ser evidenciadas de modo fácil pois, estas RS podem ir de encontro a um contexto normativo socialmente vigente, essas representações são manifestações conscientes e não reveladas propositalmente pelos sujeitos pesquisados. Nota-se, portanto, que os termos evocados no quadrante superior esquerdo, como núcleo central, são similares aos que emergiram fora da situação de substituição, sendo evidenciados nas palavras: “preconceito” que, nesta tabela que também surge como núcleo central.

Já os dois termos que nesta etapa apareceram no núcleo central (dificuldade e cedo), na Tabela 2 surgiram como parte da primeira periferia. Comparando ambas tabelas, é possível afirmar que, na circunstância de substituição, os participantes evocaram mais termos que inferiorizam e excluem os gays com deficiência visual. O mesmo se repete na segunda periferia, onde é possível identificar que outros cognemas negativos e depreciativos, os quais não apareceram na primeira evocação, agora encontram-se mais próximos do núcleo central do que na etapa anterior.

Surgiram também como núcleo central nesta tabela alguns termos que não foram evidenciados durante as evocações em situação normal e que são merecedores de atenção,

sendo: “Fetichismo”, “Curiosidade” e “Estranho”. Desse modo, pode-se inferir que, entre os homens gays investigados há uma escassa possibilidade de relacionamento mais íntimo com pessoas com deficiência visual. Os cognemas evidenciados apontam que essa experiência está pautada em um contexto da “curiosidade” sobre um corpo “estranho”, ou seja, que não está no cotidiano desse grupo e, por esta razão, pode-se até conceber esta possibilidade, mas somente como “fetichismo”, ou seja, algo que foge dos padrões de relacionamento para o grupo pesquisado e sem um comprometimento afetivo (Carvalho & Silva, 2018; Theodoro, 2022).

No quadrante superior direito, na primeira periferia, emergiram os termos: Diferente, Exclusão, Inclusão, Condição, Solidão, Respeito, Sexo, Deficiente, Diferença e Diversidade. Novamente é possível identificar semelhanças entre este quadrante e a primeira periferia das evocações sem substituição. No quadrante inferior esquerdo emergiram as palavras: LGBT, Novo, Obstáculo, Sofrimento, Sociedade, Comunidade, Preconceito, Padrão, Contemporâneo, Bizarro, Pena, Discriminação, Isolamento, Independência e Não\_consigo\_pensar\_em\_nada. Como já explicitado, este quadrante não será considerado para análise desta tabela devido ao baixa frequência e baixa ordem média de evocações (Wachelke & Wolter, 2011).

Na última zona no quadrante inferior direito desta tabela emergiram os termos: Deficiência, Resistência, Sexualidade, Invisibilidade, Desafio, Coragem, Toque, Diversos, Realização, Corajoso, Vítima, Apoio, Amizade, Beleza, Cegueira, Bicha, Ajuda, Gay, Empatia, sem vergonha, Capacitismo, Tabu, Depressão e Limitação. Para Wachelke e Wolter, (2011), estas representações apontam para duas hipóteses: podem ser simplesmente complementações da primeira periferia ou podem indicar a prevalência de um grupo dentro de um grupo pesquisado que dão valor a estes termos emergidos sendo estes, diferentes dos termos compartilhados pelo restante, podendo inclusive, possuir outro núcleo central.

Conforme observado na Figura 2, a análise de similitude também apontou, como núcleo central, o termo "dificuldade", que é explicitado com conexões bem-marcadas e



gays com deficiência visual, direcionando este público para uma categoria inferiorizada, especialmente no que se refere a sua sexualidade e homoafetividade.

Os elementos que surgiram como núcleo central evidenciam um reflexo do preconceito que os homens gays com deficiência visual sofrem no cotidiano, inclusive entre a comunidade LGBTQIAPN+. Os dados também indicam que os participantes reconhecem os homens gays com deficiência visual como possíveis relacionamentos desde que sejam na perspectiva de fetiche e curiosidade, explicitando processos de exclusão e marginalidade.

Assim, o que ficou mais latente nas análises, foi a percepção de que ainda há muito o que se fazer para que os homens gays com deficiência visual sejam efetivamente incluídos dentro da própria comunidade LGBTQIAP+. Nesse sentido, os resultados apontam para a complexidade do fenômeno e para a necessidade de políticas e programas de inclusão que considerem os diferentes marcadores sociais, incluindo as questões de gênero.

Dessa forma, identificamos aqui uma necessidade urgente de se promover políticas de inclusão mais efetivas em todos os âmbitos da sociedade visando amenizar os estigmas e preconceitos para com as pessoas com deficiência visual. Entendemos que todas as pessoas devem ter as suas potencialidades respeitadas e reconhecidas de modo que possamos construir uma sociedade sem qualquer forma de violência e mais justa.

Como limitações a esta pesquisa, destaca-se o valor reduzido de amostras eletivas em relação ao quantitativo de participantes e o reduzido número de homens gays que aceitaram responder o formulário, o que também pode refletir o contexto social e cultural sul-mato-grossense, reconhecido como um território conservador e marcado pelo apagamento das identidades LGBTQIAPN+.

## Referências

- Abric, J. C. (2001). *Prácticas sociales y representaciones*. CCC IFAL.
- Abric, J. C. A zona muda das representações sociais. (2005). In D. C. Oliveira & P. H. F. Campos (Orgs.), *Representações sociais: Uma teoria sem fronteiras* (pp. 23 - 34). Museu da República.
- Camargo, B., & Justo, A. (2018). *Tutorial para uso do software Iramuteq*. Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição, Universidade Federal de Santa Catarina. <http://www.Iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>
- Carvalho, A.N.L., & Silva, J.P. (2018). Sexualidade das pessoas com deficiência: uma revisão sistemática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 70(3), 289-304.
- Carvalho, A.N.L., & Silva, J.P. (2021). Sexualidade das pessoas com deficiência física: uma análise à luz da Teoria das Representações Sociais. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 27.
- Farias, A. Q. (2020). Para quem quer ver além: deficiência visual e empoderamento feminino. *Research, Society and Development*, 9(1).
- Ferrari, W., Nascimento, M. (2019). Práticas sexuais entre homens em tempos de mídias digitais: perspectivas e desafios ao campo da saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, 35(5).
- França, D. N. O. (2013). A sociedade e a sexualidade da pessoa com cegueira: preconceito, curiosidade, indiferença ou falta de conhecimento? *Revista Latinoamericana de Bioética*, 1, 88-95.
- Gaudenzi, P., & Ortega, F. (2016). Problematizando o conceito de deficiência a partir das noções de autonomia e normalidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(10), 3061-3070.
- Gesser, M., & Nuernberg, A. H. (2014). Psicologia, sexualidade e deficiência: novas perspectivas em Direitos Humanos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34(4), 850-863.

- Gesser, M. (2022). Gênero, sexualidade e deficiência: contribuições da perspectiva interseccional. In A. C. Bortolozzi, P. R., & M. Ribeiro (Orgs.), *Enfrentando a barbárie: temas emergentes sobre sexualidade, gênero e educação em cenários antidemocráticos* (pp. 75-84). Gradus.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2019). *Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) 2019*. <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cpd/arquivos/cinthia-ministerio-da-saude>
- Jodelet, D (2001). *As representações sociais*. Eduerj.
- Lopes, O. G. (2017). Gays afeminados ou a poluição homoerótica. *Revista Periódicus*, 1(7), 405-422.
- Mello, A. G. de, & Nuernberg, A. H. (2012). Gênero e deficiência: interseções e perspectivas. *Revista Estudos Feministas*, 20(3), 635-655.
- Moliner, P., & Abric, J. (2015). Central core theory. In G. Sammut, E. Andreouli, G. Gaskell, & J. Valsiner (Eds.), *The Cambridge Handbook of Social Representations* (pp. 83-95). Cambridge University Press.
- Moscovici, S. (2003). *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Vozes.
- Moura, R. G., Nascimento, R. P., & Barros, D. F. (2020). “There’s a lot of woman in him”. *Organizações & Sociedade*, 27(95), 620-643.
- Navega, A. D., Bortolozzi, A. C. (2020). Encontro às escuras: sexualidade e deficiência visual. In A. C. Bortolozzi, L. R. S. Carvalho (Orgs.), *Leituras sobre a sexualidade em filmes: intersecções sobre vínculos, desejos e relacionamentos* (pp. 95-116). Pedro & João Editores.
- Oliveira, D. C., Marques, S. C., Gomes, A. M. T., Teixeira, M. C. T. V., & Amaral, M. A. D. (2005). Análise das evocações livres: uma técnica de análise estrutural das

- representações sociais. In A. S. Paredes (Org.), *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais* (pp. 573-603). Editora Universitária UFPB.
- Organização Mundial da Saúde. (2021). *Relatório Mundial sobre a visão*. Ligth for the World. <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/328717/9789241516570-por.pdf>
- Paulino, A. C. O., Coutinho, M. P. L., & Costa, G. (2018). Apreendendo a inclusão social sob o olhar das representações sociais. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 18(3), 773-792.
- Ribeiro, L. P. (2022). Sujeitos gays: identidade (s), estética (s) identitária (s) e violência. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, 15(45), 112-129.
- Sá, C. P. (2019). A pesquisa das representações sociais pode nos enganar. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, 5(11), 11-20.
- Salviati, M. E. (2017). *Manual do aplicativo IRaMuTeQ*.  
<http://iramuteq.org/documentation/fichiers/manual-do-aplicativo-iramuteq-par-maria-elisabeth-salviat>
- Sousa, M. J. A., & Moleiro, C. M. M. (2015). Homens gays com deficiência congênita e/ou adquirida, física e/ou sensorial: duplo-fardo social. *Sexualidad, Salud Y Sociedad*, 20, 72–90.
- Theodoro, H. C. S. (2022). *Sexualidade de jovens-adultos/os com deficiência visual* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos].
- Trindade, Z. A., Santos, M. F. S., & Almeida, A. M. (2014). Ancoragem: notas sobre consensos e dissensos. In Z. A. Trindade, & A. M. Almeida (Orgs). *Teoria das Representações Sociais: 50 anos*. (pp. 134-163). Technopolitik.
- Wachelke, J., & Wolter, R. (2011). Critérios de construção e relato da análise prototípica para representações sociais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(4), 521-526.

Wachelke, J., & Wolter, R., & Matos, F. (2016). Efeito do tamanho da amostra na análise de evocações para representações sociais. *Liberabit*, 22(2), 153-160.